

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Curso de Pedagogia

SIDNEY LEVY PEREIRA FERREIRA

**PEDAGOGIAS, PEDAGOGOS E AS POSSIBILIDADES DOS
ESPAÇOS ESCOLARES**

Araxá

2021

SIDNEY LEVY PEREIRA FERREIRA

**PEDAGOGIAS, PEDAGOGOS E AS POSSIBILIDADES DOS
ESPAÇOS ESCOLARES**

Projeto de pesquisa e trabalho de conclusão de curso apresentado à conselho estabelecido previamente pela Universidade Federal de Uberlândia para apreciação e posterior possibilidade de coleta de dados da pesquisa empírica.

Profa. Orientadora: Iara Guimarães

Araxá

2021

SIDNEY LEVY PEREIRA FERREIRA

**PEDAGOGIAS, PEDAGOGOS E AS POSSIBILIDADES DOS
ESPAÇOS ESCOLARES**

Dissertação aprovada para obtenção da
graduação e licenciatura no curso de
pedagogia da Universidade Federal de
Uberlândia (UFU).

Araxá, 31 de outubro de 2021.

AGRADECIMENTOS

A impressão que me dá ao escrever uma carta de agradecimento por qualquer que seja o motivo, é a de que não fiz o suficiente. Ao refletir sobre a gratidão, penso que ela seja mais que uma simples escrita que remonta os atos de contribuição de outra(s) pessoas na história da minha vida. Penso que a gratidão seja bem diferente da expressão: obrigado. O famoso *"thank you"* nos arremete a um termo que obriga. Não! A gratidão não é isto. Penso que a representação mais íntima que a gratidão possa ter seja oriunda do latim: "gracia." Além de representar o agradecimento ainda nos arremete a algo transcendental. Uma graça! Um gracejo, um acalento, uma companhia, um bálsamo.

Deste modo, quero agradecer, mas quero também com minha letra, viver o ato de agradecer como quem recebe uma graça. A graça de ter pessoas que de fato e *"sui generis"* fizeram uma grande diferença no meu caminho de peregrino sendo cada um, uma graça em particular. E para que não sejam só palavras e letras perdidas no tempo e na superficialidade, prometo celebrá-las para o restante dos meus dias.

Primeiramente, preciso agradecer àqueles que tem a outorga sobre mim independentemente do tempo e do espaço onde estivermos. Meus genitores, criadores, conceptores e artistas: meus pais! Minha mãe e meu pai. A eles a devida homenagem afinal, o que sou vem deles.

Agradeço também à minha querida esposa Gi Ribeiro que ao longo dos dias e das convivências vem se aprofundando no ato de conviver e trocar, compartilhar e se doar. Tem sido amiga, parceira, companheira, confidente, amante e cúmplice. A ela minha profunda admiração e amor.

Aos meus filhos Vitória e Ravy que vivem dentro de mim. Agradeço pela força e pela terapia constante que me proporcionam. Agradeço por me darem a oportunidade de experimentar o amor sem reservas e sem medidas. Agradeço porque ao olhar em seus olhos, me permitem enxergar os meus.

E finalmente agradeço a minha querida amiga e tutora Rita Starlling. Sem ela não haveria conclusão de curso. Professora, orientadora, impulsionadora e financiadora. Pensar na Rita e no seu papel na educação, encoraja aqueles que desejam ingressar neste campo porque vemos alguém que tem a visão alçada acima dos muros da “burrocracia”, do sistema que trava, limita e segrega no ato de tratar a todos como peças de um xadrez trancados em uma caixinha. Rita antes de tudo, soube compreender que cada um é diferente e cada um tem um processo. Alguns precisam dos protocolos e rotinas. Outros não suportam os processos porque simplesmente conseguem sem os mesmos. Quando a educação compreender a diferença entre institucionalização e individualidade, ela evoluirá. A você Rita, minha admiração e agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal, fomentar uma nova discussão a respeito dos espaços escolares e das possibilidades para além das fronteiras já pré-estabelecidas pelos tradicionalíssimos sistemas de formação de professores. Busca-se fomentar a discussão a respeito das novas possibilidades de um espaço educacional para além de suas paredes, intenta promover novas tendências e técnicas a respeito da mente humana com relação a uma abordagem mais lúdica e pedagógica, que promova o estudante em seus mundos de construções imaginárias e ludicidades. Nesse ínterim o trabalho problematiza o ofício do pedagogo e o papel da pedagogia na construção de espaços educativos mais abertos e criativos.

Palavras-chave: Educação. Espaços escolares. Pedagogia. Pedagogos.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Apresentação do problema	10
3. A experiência	13
4. Argumentação	15
5. Uma resposta a altura	18
6. Considerações finais	22
7. Referencias	24

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo, como já foi descrito anteriormente no item *“resumo”*, estabelece uma conexão íntima e profunda com uma educação que seja compreendida como possível em todos os lugares. Percebemos que atualmente, a educação desenvolve um movimento meio *“engessado”* em que não evolui, não se renova, não se modifica e em alguns casos, regride e piora. É certo que quando falamos deste modo estamos relatando um problema sistêmico ou seja, estamos falando de modo geral compreendendo que existem as exceções. Observe-se por exemplo a musicalidade no Brasil. Ela é um espelho de que o sistema educacional não propõe uma evolução musical. Música é cultura e para Bourdieu a cultura a responsável pela individualização da criança e seus primeiros contatos com as tradições de modo cognitivo:

[...] é a herança cultural a primeira responsável pela diferença inicial da criança na escola, uma vez que cada família transmite a seus *filhos certo capital cultural e certo ethos – sistema de valores – que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar.* : (BOURDIE, 1999, p. 41/42),

O renomado e singular filósofo Platão já dava a idéia em seu livro intitulado *“A República”* (370 a.C.), de que os governantes de um país podem ser conhecidos por meio do tipo de música que o povo escuta. A triste realidade da musicalidade brasileira está nas letras cada vez mais pobres, repetitivas, ultrajantes, com suas melodias fracas e simples por demais e ritmos com batidas cada vez mais ensurdecedoras. E perguntamos: será que nos espaços da educação infantil não caberiam algumas cantigas de roda e pequenos clássicos que ajudariam no desenvolvimento intelectual e crítico das crianças? Aqui já temos uma pequena mostra de involução que poderia se transformar em evolução e desenvolvimento.

Desse modo, sabendo que tudo começa na educação infantil, onde está o erro? Na corrupção da política? Na má formação dos professores? Na burocracia? Na falta

de investimentos? No desinteresse das crianças? Algumas perguntas são tão importantes quanto suas respectivas respostas, mas a questão em torno deste projeto não está em descobrir culpados externos ao problema. Trata-se de desenvolver uma capacidade interior de auto-responsabilidade e promover a partir daí um maior aproveitamento dos espaços escolares/ educacionais, afim de melhorar a qualidade do ensino nos anos iniciais da educação. Endenda-se espaços escolares/ educacionais como algo que ainda não foi dito. Isso envolve todo um universo de possibilidades e manifestações. É preciso pensar que uma sociedade fundamenta-se na construção do conhecimento para todos os seus entes e este se dá na educação infantil. Se temos a oportunidade de promover uma sociedade mais justa, menos corruptível, com valores que sejam abrangentes a todas as classes e com direitos e deveres que contemplem e alcancem os mais afastados e segregados do convívio social, não há duvidas de que este fenômeno acontece na educação infantil. Pensar nos espaços escolares/ educacionais como algo que pode ir muito além dos centros e das instituições, dos conceitos e das tradições, das regras e dos costumes já seria uma ótima utopia inicial. Em síntese introdutória, o intento e fomento é para que haja um princípio de debate sobre as novas tecnologias, novos conceitos científicos e novas metodologias. Além disso, propor algumas novas técnicas afim de não somente levantar o questionamento mas apresentar algumas opções de desenvolvimento, técnicas, resultados e possibilidades.

2. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Poderíamos dizer que a problemática em torno dos espaços escolares/educacionais como forma de possibilitar um aumento qualitativo na educação em seus anos iniciais são os recursos, as verbas, a má formação dos professores, o salário baixo, a falta de merenda, o desinteresse das crianças ou outro motivo qualquer. Contudo, pensar desta forma é um comportamento muito conhecido em consultórios de terapia. O comportamento de vítima. E isto não ajuda. Não ajuda porque a principal característica da vítima é não ter a própria vida em suas mãos. Em outras palavras, o problema não pode ser resolvido porque nesse caso, a culpa não é do sistema educacional mas sim, de fatores externos diversos. Assim, é preciso se desprender da ideia de um fracasso externo e conectar-se com a realidade da auto responsabilidade. Ao haver tal conexão, podemos perceber que os espaços escolares/educacionais não são a única realidade neste segmento que precisa de mudança, mas são o princípio de tudo. Tudo começa na educação infantil. É nela que a sociedade se forma e se transforma. É preciso perceber que existe uma distopia entre o que se diz e o que se faz. Atualmente, temos pautas que defendem o direito de minorias de todas as formas. Muito se fala em inclusão, preservação dos direitos, igualdade e equidade. Contudo, a escola ainda tem por hábito tratar as crianças como pequenos robôs. Observe: todos tem que andar em fila uns atrás dos outros; todos tem que permanecer em suas carteiras ou mesas uns atrás dos outros; Quando quiser ir ao banheiro peça primeiro e se eu deixar, você vai; para o lanche teremos mais fila. Observe que existe um comportamento padrão que deve ser seguido. Observe que em um mundo onde se fala tanto em inclusão, a criança com hiperatividade não consegue seguir tais regras. Registro, destaco e fomento a discussão a respeito dos diagnósticos de hiperatividade e autismo que são confusos e mal aplicados (AUTISMO EM DIA, 2020). A maior parte das crianças enquadradas em tais diagnósticos simplesmente são crianças que brincam, que bagunçam, que mexem e que são ativas, mas nem os pais, nem o estado querem lidar com elas. E qual é o tratamento que ela recebe? Drogas para que se contenha, seja controlada, obedeça e siga o comportamento de um robô. Ela foi tolhida em seu direito ao espaço escolar como manifestação de sua criatividade. A mesma coisa é feita com as crianças que tem autismo, ansiedade, etc. O

que não é um padrão precisa ser padronizado. Diante desta situação, algumas perguntas que deveriam ser respondidas são: *“brincar, mexer, bagunçar e ser ativas e cheias de energia não é um comportamento normal no caso das crianças? Não deveriam ser respeitados o direito à liberdade e manifestação da criatividade? O tratamento não deveria contemplar outras ações, outros espaços, outras didáticas? Será que este é a razão da completa falta de criatividade e qualidade nas manifestações culturais dos dias atuais?*

Pimenta (1988), desenvolve uma importante argumentação a respeito dos espaços escolares/ educacionais onde deve haver um avanço para além das institucionalizações na escola:

[...] a posição que temos assumido é a de que a escola pública necessita de um profissional denominado pedagogo, pois entendemos que o fazer pedagógico, que ultrapassa a sala de aula e a determina, configura-se como essencial na busca de novas formas de organizar a escola para que esta seja efetivamente democrática. A tentativa que temos feito é a de avançar da defesa corporativista dos especialistas para a necessidade política do pedagogo, no processo de democratização da escolaridade. (PIMENTA, 1988, p. 15)

Neste pensamento, é preciso que haja o seguinte questionamento: onde está o direito à diversidade? É significativo que não falamos de um ambiente desarmonico mas é impossível compreender uma escola cheia de crianças sem barulho e sem movimentação porque é isso que as crianças fazem. Podemos perceber que o pensamento de PIMENTA (1988) tem uma considerável preocupação com uma evolução no pensamento sistêmico. Quando ele cita a defesa corporativista, compreende-se que é preciso haver uma quebra com o sistema definido e pré-conceituado. Um rompimento com um sistema que pretende deixar tudo como está para não colocar em risco os seus entes participes responsáveis. A educação no Brasil não é capaz de atender com qualidade os estudantes. E ninguém precisa se sentir ofendido por ter que assumir esta posição. Podemos perceber que os resultados de uma boa educação se medem por meio de estatísticas e avaliações. Segundo dados do PISA (BRASIL, 2018), quando falamos de matemática, o Brasil é o pior país da América

do sul empatando com a Argentina. Uruguai, Chile, Peru e Colômbia estão acima na tabela. Em ciências o Brasil também ocupa o último lugar ao lado de Argentina e Peru, sendo superado por Colômbia, Chile e Uruguai. E por fim no quesito leitura, o Brasil ocupa o segundo lugar ao lado da Colômbia ficando a frente de Peru e Argentina. A partir desses dados, podemos perceber e assumir que de fato a educação no Brasil não é boa e não tem qualidade já a bastante tempo. Vários são os motivos e as circunstâncias que no levam a este triste fato contudo, o que precisamos observar de modo muito profundo e atento, é que de acordo com países onde a educação tem um nível de qualidade melhor, existe uma grande preocupação com a educação infantil. É justamente neste momento que chegamos a um consenso que se volta para a temática e o objetivo deste trabalho: ***“a educação infantil inicia um processo de desenvolvimento do indivíduo e o torna mais apto, capaz e interessado por crescer em estatura e inteligência.”*** Se ela é a responsável direta por este fenômeno, deve ser melhor executada e desenvolvida.

3. A EXPERIÊNCIA

Durante muitos anos fui professor de educação musical em várias instituições de ensino. Precisamente por 8 anos. Também dei aulas de filosofia e ensino religioso. Pude observar por longos períodos que as crianças aprendem com muita facilidade em locais que lhes proporcionem um ambiente que esteja em harmônico com suas realidades interiores. Em aulas de contação de histórias por exemplo, em que posteriormente faríamos um compartilhamento das mensagens contidas nas histórias, pude perceber que quando íamos para o parquinho e ali desenvolvíamos a atividade, o resultado era bem diferente do que obtínhamos na sala de aula. Parece que algo as colocava em outro estado mental. Era como se tudo ficasse mais fácil. Porém, em pouco tempo a supervisão e a coordenação da escola suspenderam o uso dos espaços para tais atividades com a justificativa de que não estávamos gerando resultados. A minha imediata reação foi questionar sobre quais resultados deveríamos obter de crianças de 2, 3 e 4 anos? (EDMARA NOGUEIRA, 2021). Obviamente que eu não me referia ao lúdico porque minha atividade e meu tempo com eles era especificamente lúdico. Deveria obter resultados ligados a alfabetização? Ou aos processos de simbologias, coordenação motora e cognição? Enfim, não obtive resposta. Pedi para sair do quadro de professores, troquei várias vezes de instituições escolares e sempre via a mesma cena. Até que um dia me cansei de insistir com o sistema corporativista e seus representantes. Decidi fundar uma Ong, agrupei alguns amigos e fomos para as ruas desenvolver praças de lazer com várias atividades: pula-pula, teatro de fantoches, músicas, dinâmicas, brindes e doces. Quando as condições financeiras nos possibilitavam, alugávamos um espaço e desenvolvíamos aulas de reforço escolar e informática entre outras. Isso já dura quase 20 anos.

Com esta minha iniciativa descobri algumas coisas bem interessantes. Descobri que muitas pessoas que estão no sistema educacional não querem mudanças e por isso existe uma resistência para com a mudança; descobri que as crianças nunca se esquecem do que aprendem dependendo do modo como aprendem; descobri que o inconsciente tem muita facilidade para dar espaço ao lúdico; descobri que a educação não se dá de modo compacto, enquadrado e corporativista; descobri que o vínculo afetivo-emocional é circunstancial e importante mesmo em relações interpessoais; e

por fim, descobri que adultos que tiveram experiências singulares na infância podem até não ficar ricos e bem sucedidos, mas desenvolvem algo chamado faculdade crítica. Esta expressão pode até parecer estranha mas em suma, é a capacidade de questionar as coisas. Interrogar sobre o certo e o errado. Alguns chamarão isso de código de moral, discernimento ou bom senso. Eu prefiro chamar de faculdade crítica.

Está última descoberta transformou de tal forma a minha concepção sobre a educação que quando me perguntam se eu não me importo de ver os garotos e garotas que eram pequenos enquanto estavam conosco se perdendo nos vícios eu respondo: *“Não! A semente foi plantada e esta semente não falha em germinar.”* Ela estará ali para sempre porquê de uma forma emocional e intencional da minha parte, consegui acessar sua memória e ali armazenei a semente.

A educação é a porta de entrada para o universo do conhecimento. É muito simples e fácil vermos exemplos magníficos de escolas que com muito pouco, conseguem resultados maravilhosos. Isso é muito comum quando observamos alguns destes poucos exemplos no nordeste do Brasil onde em alguns casos é preciso viajar por horas para se chegar até a escola. Diferentemente dos grandes centros onde a mídia e a indústria estão interessadas em bancar os grandes benfeitores e patrocinadores de projetos que beiram a mediocridade, os pequenos grupos de educadores bem intencionados conseguem resultados fantásticos e surpreendentes a partir de muito pouco. Sempre tive comigo que eficiência é a capacidade de fazer muito com muito pouco. Realizar grandes projetos e desenvolver grandes metas com recursos diversos é fácil e só requer capacidade de administração. Mas fazer muito com pouco, é magia, alquimia e eficiência.

Este foi então o ponto de partida para o ingresso no curso de pedagogia. Não me vejo mais em uma sala de aula. Nem desenvolvendo o papel de pedagogo em alguma escola. Mas compreendi que poderia contribuir com a educação estando fora dela e ajudando(a) a sair do sistema corporativista. Partindo daí para uma nova concepção associando o que de melhor tínhamos no passado, com as novas tendências que temos no presente.

4. ARGUMENTAÇÃO

A mente humana ainda é um campo desconhecido. O que sabemos ainda é quase nada. Contudo, o que damos por quase nada, muda tudo. O aprendizado de uma criança, o modo como ela percebe o mundo ao seu redor, sua construção interior e seus comportamentos são afetados por dois fatores: a hereditariedade e o meio. Na hereditariedade temos tudo aquilo que definimos por herança. Somos o resultado de uma multidão de pessoas que vieram antes de nós. As práticas, os feitos, as vitórias e também os fracassos desta multidão de pessoas contribuíram para que um indivíduo chegasse onde chegou. Ele é o resultado das vidas de seus antepassados. António Damásio (2012), neurocientista renomado mundo a fora, afirma que estamos programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando determinadas características dos estímulos, no mundo ou nos nossos corpos, são detetadas individualmente ou em conjunto. Em síntese, ele afirma que nossa herança genética e hereditária tem grande influência em nossas emoções e que isto constitui quem somos afinal, somos nossas emoções. As emoções tem um grande papel na vida do indivíduo porque são armazenadas em um campo/ espaço como imagens que sempre são latentes. Um lugar chamado inconsciente onde não existe passado e futuro. Tudo é latente e presente. No mapa da psique freudiano nosso inconsciente, que é o lugar onde moram nossas emoções e nossas memórias, representa mais de 90% de sua constituição sendo menos de 10% de consciência.

No meio, o indivíduo é influenciado pela realidade ao seu entorno. Esta realidade é caracterizada pelas pessoas que convivem com ele, pelo lugar onde ele se encontra, pelas circunstâncias que o rodeiam. Na primeira situação o indivíduo não pode interferir. Um claro exemplo disto é a diabetes. Sabe-se que é uma doença hereditária. O indivíduo não pode mudar isso. Ela está no seu histórico familiar e ele pode desenvolvê-la porque vem de seus antepassados. Na segunda situação o indivíduo necessariamente pode alterar seu percurso. Ele tem histórico de diabetes na família, mas pode decidir-se não a ter, mudando seus hábitos alimentares e práticas esportivas. Deste modo, pode-se dizer que o indivíduo tem escolhas. A escola se posiciona na segunda situação. Ela pode e deve interferir na vida do indivíduo

possibilitando-lhe transformação. Se algo não é bom em sua hereditariedade, o meio interfere e lhe possibilita a transformação. Bem, é isto que deveria acontecer.

Na educação infantil as possibilidades de interferência são grandes tanto para o positivo, quanto para o negativo. Como dizíamos a respeito do universo das emoções, o meio pode influenciar. Daí uma profunda necessidade rogeriana (teoria de Carl Rogers) em que o indivíduo e o relacionamento aluno-professor são o centro. Para compreender este pensamento, voltemos para a citação na qual a música é um reflexo de diminuição da qualidade na educação brasileira. Se observarmos a sequência de músicas de uma rádio, perceberemos que existe um padrão. E geralmente este padrão é regido pela TV. As músicas que mais tocaram na TV no final de semana anterior, são as que serão tocadas pela maioria das rádios durante a semana subsequente. Mas quem decide o que é tocado na TV? As grandes produtoras. Existe um grande investimento para que um determinado estilo musical seja exibido em rede nacional. Isso se chama mercado. Observando-se os estilos musicais que tocam na TV e nas rádios, quantas vezes você ouviu algo de Beethoven, Bach ou Mozart? A música clássica quase nunca é tocada. É possível perceber sem procurar muito, que as músicas tocadas seguem a um padrão de batidas. Geralmente, o som é bem alto, com restrita relevância para a letra que em grande parte tem duplo sentido e com harmonia e melodia pobres. Não preciso de referência para fazer este tipo de comentário porque sou professor de música. Mas o ponto importante é o resultado a exposição prolongada a este tipo de ruído. Vamos para os efeitos causados pela música que se ouve no Brasil. Em um estudo realizado pela revista científica *Brain Research* (TERRA), os danos pela exposição ao som alto das batidas das músicas atuais, não são somente aos tímpanos. Problemas como perda de memória, estresse, nervosismo e dificuldades no aprendizado são comuns principalmente nos anos iniciais em que a criança fica por muito exposta a este tipo de música. Os altos níveis em decibéis desestabilizam o ritmo circadiano, promovendo uma maior secreção de cortisol no organismo que conseqüentemente provoca irritação e dificuldade de atenção. Os estudos apontam que um indivíduo adulto exposto pelo período de uma hora, a uma música que é tocada com volumes acima dos 120 decibéis, fica suscetível a indução. Em outras palavras, a possibilidade de que este indivíduo faça o que “letra da música pede, é grande.

A partir das informações anteriores, podemos discutir a respeito das imagens que geramos, criamos e armazenamos no inconsciente das crianças em uma aula nos anos iniciais. Imagens que como já foi dito: permanecerão ali, latentes e sempre muito presentes. A música, o ambiente, o tom de voz, a liberdade de manifestação, a atenção, o direito, o cotidiano e a rotina são geradores destas imagens. Deste modo, o próprio sistema educacional precisa se munir de conteúdos que abram as mentes e as possibilitem avanços. Alguns ainda poderiam dizer que tais músicas e ritmos são culturais. Mas se gera dano, como pode ser cultural? A cultura não é a riqueza que caracteriza um povo?

Os espaços escolares/ educacionais precisam ser melhor aproveitados em todos os seus sentidos. Desde o meio até sua relevância psicológica. A música, as informações do ambiente, os gatilhos para os sentidos, os brinquedos, etc.

5. UMA RESPOSTA A ALTURA

Dar uma resposta para os desafios da educação mediante suas ações é de fato uma tarefa árdua. Por isso, se faz necessária uma recaptulação do papel do pedagogo neste momento do presente estudo. Se alguém por definição de função, pode propor uma mudança inovadora, é o pedagogo. Ele tem por obrigação promover um debate que favoreça e fomente uma nova visão educacional. Conhecer os ofícios e suas perspectivas é fundamentalmente mais importante do que gerar expectativas. Sempre me perguntei curioso a respeito das pessoas que cursavam pedagogia na intenção de estar em salas de aula. E eu sempre respondia dentro de mim: que desperdício! Não que o professor não seja tão importante quanto mas, cada um no seu lugar. Por isso, neste capítulo vamos recordar um pouco mais da estrutura do ofício do pedagogo. Sobressalto que a palavra ofício do latim deriva de duas expressões: *opus e facere que significam: Obra e fazer. Ou seja, trabalho a fazer*. Aquele que tem por mandamento, fazer funcionar o sistema como um ajustador de engrenagens.

Antigamente na Grécia, os ensinamentos que eram passados de geração em geração para as crianças e a sociedade em geral, eram os ensinamentos divinos/religiosos. Com o passar do tempo, filósofos e religiosos passaram a se questionar sobre: O que ensinar? Para que ensinar? Qual a melhor maneira de ensinar? Segundo Aranha (2006), neste contexto, teve início a Pedagogia. A palavra pedagogo, em Atenas na Grécia, dizia respeito ao escravo que era encarregado de levar a criança ao local de ensino.

A palavra paidagogos nomeava inicialmente o escravo que conduzia a criança. Com o tempo o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre a educação. Os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental. (ARANHA, 2006, p. 67)

Para Libâneo (2001), o significado da palavra Pedagogia visa a formação do profissional que ensina crianças e que está fortemente enraizada na sociedade até os dias atuais. Este comentário nos deixa mais uma evidência de que o autor já vislumbrava a importância da educação infantil como sendo primeva e primordial:

O raciocínio é simples: educação e ensino dizem respeito a crianças (inclusive porque “peda”, do termo pedagogia, é do grego “paidós”, que significa criança). Ora, ensino se dirige a crianças, então quem ensina para crianças é pedagogo. E para ser pedagogo, ensinador de crianças, é preciso fazer um curso de Pedagogia. Foi essa ideia que permaneceu e continua viva na experiência brasileira de formação de professores. (LIBÂNEO, 2001, p. 06)

Desse modo e com estas contribuições, percebemos que durante muito tempo o pedagogo foi visto como um professor. Mas parece ser um tanto quanto redundante que exista um pedagogo e um professor para desenvolver a mesma função. A partir desta reflexão, começamos a desenvolver um raciocínio a respeito da função do pedagogo. Pimenta (1988), relata a importância do profissional pedagogo, sendo o mesmo fundamental para a organização da instituição escolar de forma democrática.

[...] a posição que temos assumido é a de que a escola pública necessita de um profissional denominado pedagogo, pois entendemos que o fazer pedagógico, que ultrapassa a sala de aula e a determina, configura-se como essencial na busca de novas formas de organizar a escola para que esta seja efetivamente democrática. A tentativa que temos feito é a de avançar da defesa corporativista dos especialistas para a necessidade política do pedagogo, no processo de democratização da escolaridade. (PIMENTA, 1988, p. 15)

Acompanhando as mudanças do curso de Pedagogia no decorrer dos anos, é em 2006, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, em seu Artigo 5º e 9º que, definem de forma clara os espaços de atuação do egresso do curso de Pedagogia.

O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto: IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo; Os cursos a serem criados em instituições de educação superior, com ou sem autonomia universitária e que visem à Licenciatura para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, deverão ser estruturados com base nesta Resolução. (BRASIL, 2006, p. 02)

Na visão de Franco (2008), o curso de pedagogia se caracteriza como o único curso de graduação com formação teórica, científica e técnica.

O curso de Pedagogia se constitui no único curso de graduação onde se realiza a análise crítica e contextualizada da educação e do ensino enquanto práxis social, formando o pedagogo, com formação teórica, científica e técnica com vistas ao aprofundamento na teoria pedagógica, na pesquisa educacional e no exercício de atividades pedagógicas específicas. (FRANCO, 2008, p. 149)

Tendo tido tal exposição, podemos questionar por fim: o que é a pedagogia? A pedagogia é antes de tudo uma resposta aos problemas não só educacionais da atualidade, mas também aos problemas sociais. Ela não está contida na instituição escolar e nem o pode. Ela habita enquanto ciência educacional nas mais diversas áreas da sociedade lidando em primeiro plano com seus dilemas. Apresenta-se como resposta para as perguntas e fomenta um novo debate sempre que se faz necessário.

É importante observar que enquanto ciência da educação, ela tem o poder e a autoridade de aliar as diversas ciências do conhecimento humano em favor de seus interesses educacionais. Isto significa que se o pedagogo percebe que na área da neurologia, ou da física, da neurolinguística ou de outra ciência qualquer existem

possibilidades de interação para melhoria do sistema ao qual serve ela deve estar aberta e sempre em diálogo com tais eventos.

Atente-se para o fato de que, se temos problemas educacionais de eficiência e efetividade, podemos observar mais de perto como estão os pedagogos. Uma situação sempre é espelho e reflexo da outra. Se em algum momento neste estudo percebemos e assumimos que existem problemas educacionais de efetividade e eficiência, precisamos nos ater na qualificação e na capacitação ao qual se encontram os profissionais de pedagogia.

6. Considerações finais

É preciso pensar urgentemente em evolução. Sim, a educação e os sistemas educacionais são a grande máquina que pode a tudo transformar. Exatamente por isso, sistemas econômicos e políticos de tradição “ditatorial”, ao sentarem-se no poder aparelham as universidades. Fazendo com que os futuros cidadãos que ali estão sejam doutrinados de alguma forma, se estabelece uma paralização do desenvolvimento sócio-cultural onde a sociedade não sabe e não questiona o sistema.

Pensar no modo como nossas crianças são tratadas e introduzidas no mundo do conhecimento é ainda mais fundamental. Afinal de contas, uma escola que desenvolve em seu Projeto Político Pedagógico a política do pão e circo não forma cientistas, críticos, escritores, físicos, matemáticos e etc.

Pensar que podemos promover uma união entre as ciências possíveis, onde a pedagogia seja parte integrante deste grupo e faça a ligação entre as várias descobertas do século, tornando o experimento em realidade, é mensurável, possível e necessário. Isso se mostra fundamental para repensar o espaço escolar.

Desfazer o conceito de que o espaço escolar/ educacional tem uma delimitação física, social, política e econômica. Os espaços escolares/ educacionais como vimos de modo sussinto mas complexo, podem e devem ser bem mais do que situações problema, enquadramentos, regras e comportamentos. Eles precisam ser realidades eficientes de práticas de ensino e transmissão do conhecimento. Por que um professor não pode se afeiçoar ao seus alunos? Por que precisa existir uma distância entre a direção e o colegiado? Por que as filas? Por que as é preciso estudar exatas se a aptidão é criativa e lúdica? Por que as regras sem exceções? Peças de xadrez guardadas dentro de uma caixinha de madeira... O que os pedagogos podem fazer face a todas essas questões?

Ao refletir sobre o contexto tratado neste presente trabalho de conclusão de curso (TCC), penso que talvez exista alguém dentro de mim que seja utópico. Tento imaginar alguém lendo e pensando: “*está louco!*” E provavelmente o sou. Mas perceba que Einstein também foi assim chamado. Platão era escandalizado por Demócrito. Jung teve sua reputação destruída pela vaidade freudiana. Tesla foi ridicularizado e

enganado por Edson. Eu? Com certeza sou louco e sigo pelas estradas da loucura deste homens por acreditar que a institucionalização e o corporativismo da educação podem cair e uma nova escola surgir.

E os meus amigos e leitores? São loucos?

7. Referências

AUTISMO EM DIA. **Não é autismo? Quando o diagnóstico não fecha.** Disponível em: <https://www.autismoemdia.com.br/blog/nao-e-autismo-quando-o-diagnostico-nao-fecha/>

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil.** 3 ed. Moderna, 2006.

BRASIL. Instituto Nacional de estudos e pesquisas Anísio teixeira. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil.** Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206

BRASIL. Resolução CNE/CP 1/2006. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia.** Diário da União, Brasília, DF, n. 92, 2006. Seção 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991>

BOURDIEU, P. **A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. Escritos de Educação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção , razão e o cérebro humano.** Edição econômica. 2012.

EXAME. Por Marina Demartine. Elon Musk. **Musk acredita que somos personagens de um jogo de videogame.** Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/musk-acredita-que-somos-personagens-de-um-jogo-de-videogame/>

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia como ciência da educação.** 2 ed. rev e ampl. SP: Cortez, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique.** Ed. 10. Vozes: 2013. Pg. 269.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: para quê?** São Paulo: Cortez, 2001.

NOGUEIRA, EDMARA. **Autores da educação – Carl Rogers.** Disponível em: <https://ospedagogicosblog.com.br/autores-da-educacao-carl-rogers/>

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública.** São Paulo: Loyola, 1988.

PLATÃO. **A república**. Coleção grandes obras do pensamento universal. 1 ed. Lafonte, 2017.

TERRA. **Musica alta pode afetar memória e aprendizagem diz estudo**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/musica-alta-pode-afetar-memoria-e-aprendizagem-diz-estudo,89d63e23552d8310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>